

A sétima economia

MUNDO BRASILEIRO | Economia - Brasil

Depois de ter chegado a ser a oitava economia do Ocidente nos anos 80 e ter caído para a décima segunda posição, o Brasil volta a ser destaque entre as principais potências econômicas. Edição especial da revista "The Economist", publicada no início deste ano, prevê que o Brasil terminará o ano como a sétima economia do planeta, com um Produto Interno Bruto (PIB) próximo do US\$ 1 trilhão, mais exatamente US\$ 908,8 bilhões. Na frente de nosso país ficariam apenas os Estados Unidos, Japão, Alemanha, França, Itália e Grã-Bretanha. Caso continui a crescer de 4% a 5% ao ano até o ano 2.000, o Brasil aumentará o equivalente a pelo menos dois Chiles, a quase uma Argentina, a meio México, a mais de duas Cingapuras ou a meia Taiwan.

Com a estabilização da moeda, o país demonstrou uma fantástica capacidade de reação, o que é uma prova do potencial de fogo de nossos agentes econômicos. Para consolidar esse novo patamar, entretanto, serão necessárias duas coisas fundamentais. Primeiro, que as forças políticas consigam chegar a um entendimento para viabilizar as reformas fiscal e previdenciária e agilizar o programa de privatizações. Sem essas medidas, não será possível reativar a economia de forma a gerar mais empregos. Desatar o nó das reformas e das privatizações é essencial para que seja possível aumentar a poupança

interna e expandir o ingresso de recursos externos de risco capazes de alavancar investimentos. Em segundo lugar, é preciso que o governo passe a dar uma atenção maior à área social.

É fato indiscutível que nos últimos três anos foram obtidos excepcionais resultados nesse setor. O nível de pobreza despenhou de 43 milhões pessoas, em 1993, para 13 milhões, em 1995. Segundo estudo da pesquisadora do IPEA Sonia Rocha, a renda média das pessoas aumentou 28%, em termos reais, entre 1993 e 1995, com maior impacto para as faixas de menor poder aquisitivo. Produtos que eram privilégio de consumo das camadas de melhor renda, como é o caso do iogurte, passam a freqüentar as mesas dos mais pobres.

A pesquisa mostra, entretanto, que apesar de ter havido uma redução do nível de pobreza, não ocorreu nenhuma mudança substancial na repartição da renda nacional entre as populações das metrópoles, centros urbanos e regiões rurais. As disparidades de renda entre as diversas faixas da população e entre as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste em relação ao Sudeste e ao Sul continuam gritantes. Nenhum plano econômico estará completo se não conseguir eliminar essas diferenças. Enquanto essas manchas não forem apagadas de nosso mapa econômico-social não poderemos nos orgulhar de estarmos entre as sete maiores economias do mundo.